

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – NEAD/PROGRAD**  
**UNIREDE**  
**Curso de Especialização na Formação em Educação a Distância**

**O Sistema de Avaliação em Cursos de Educação a Distância**

**Vera Lúcia Abdala**

**Curitiba**  
**2002**

**Universidade Federal Do Paraná**  
**Núcleo de Educação a Distância**  
**Curso de Formação em Educação a Distância**

**O Sistema de Avaliação em Cursos de Educação a Distância.**

Vera Lúcia Abdala

Trabalho final apresentado ao  
Curso de Formação em  
Educação a Distância da  
Universidade Federal do Paraná  
como requisito parcial para  
obtenção do título de especialista\$  
em Educação a Distância.

Uberaba

2002

**Vera Lúcia Abdala**

**O Sistema de Avaliação em Cursos de Educação a Distância.**

Trabalho Final apresentado para obtenção do título de **Especialista em Educação a Distância**, no Curso de Formação em **Educação a Distância**, do consórcio UniRede/ Universidade Federal do Paraná.

Curitiba, 25 junho de 2002.

Orientadora:

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Onilza Borges Martins

**Dedico este trabalho em especial  
a dois grandes heróis: minha mãe  
e meu filho Victor.**

## SUMÁRIO

RESUMO .....	1
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
1.1 Justificativa .....	9
1.2 Objetivos .....	12
1.2.1 Objetivo Geral .....	12
1.2.2 Objetivos Específicos .....	12
1.3 Metodologia .....	13
1.4 Estrutura da Pesquisa .....	13
<b>2. Processos de avaliação de aprendizagem .....</b>	<b>15</b>
2.1 Quadro Teórico .....	16
2.2 Concepções de Avaliação .....	21
2.3 Características da avaliação .....	21
2.4 Avaliação como Processo e como Sistema .....	22
2.5 Técnicas de Avaliação .....	23
<b>3. Avaliação em EAD .....</b>	<b>24</b>
3.1 Avaliação de Desempenho em EAD .....	26
3.2 Algumas Considerações sobre avaliação .....	35
3.3 O Papel do Aluno e da avaliação em EAD .....	41
3.4 Validação do material .....	44
<b>4. Considerações Finais .....</b>	<b>45</b>
<b>5. Referências bibliográficas .....</b>	<b>48</b>

## Resumo

A escolha e a utilização dos recursos didáticos em programas de EAD a serem trabalhados e avaliados dependem do diagnóstico da população-alvo e do planejamento da instrução previamente estabelecidos tendo por referência o papel ativo do professor autor e do sujeito aprendiz. O docente é responsável pela promoção da aprendizagem de estratégias cognitivas e metacognitivas que possibilitam a compreensão e a aquisição de conhecimentos a partir de textos e no fazer pedagógico, a fim de que as informações e os materiais sejam usados de modo intencional, não aleatório e orientados nas atividades educativas. Cabe evidenciar que tais textos, não possuem um valor único, são passíveis de mudança de acordo com o grupo que irá analisar os mesmos antes de serem apropriados pelos alunos. A experiência própria sobre a realidade e a experiência de outros indivíduos proporciona conhecimentos diferenciados ou nuances distintas de um mesmo conhecimento. Sua possível relevância e significação apresentam-se em função dos propósitos, das concepções norteadoras das ações e da importância para a aprendizagem pretendida, na medida em que se realizam as relações e atividades dos sujeitos (professor-alunos-comunidade) e o conhecimento, organizando-se à luz dos condicionantes histórico-culturais, da relação espaço-temporal, da estrutura organizativa da comunidade e da trajetória pessoal e de formação dos participantes.

É relevante e significativo trabalhar de modo flexível, com problemas reais, adotar posições variadas de interpretação e vivenciar múltiplos papéis em contextos reais, fomentando assim, múltiplas formas de representação e a

consciência do processo de auto-construção da aprendizagem (metacognição), estimulando-se a busca de soluções em grupo, o diálogo entre alunos e professores e questões de estudo que favoreçam o desenvolvimento de múltiplos saberes. Portanto, a avaliação desempenha papel relevante no contexto global das atividades em EAD. É a partir dela que se observa o resultado alcançado.

## 1. INTRODUÇÃO

Quando se analisa a Educação a Distância, pressupõe-se a combinação de tecnologias convencionais e modernas que possibilitem o estudo individual ou em grupo, nos locais de trabalho ou fora, através de métodos de orientação e tutoria à distância contando com atividades presenciais específicas, como reuniões do grupo para estudo e avaliação.

Como explica NISKIER (1996), a Educação à Distância no Brasil é cercada de preconceitos e considerada um ensino de segunda classe, muito embora o sistema regular de ensino seja impotente para atingir todo o País. Esta situação difere inteiramente do que ocorre em inúmeros países adiantados e em desenvolvimento que há anos vêm adotando esta modalidade de ensino, atribuindo a ela o mesmo valor e credibilidade dos cursos convencionais.

Em decorrência de compromisso assumido na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada na Tailândia em 1990, foi elaborado no Brasil o Plano Decenal de Educação para Todos, para o período compreendido entre 1993 e 2003, cujo item 8 trata do Sistema Nacional de Educação à Distância. O Sistema deverá aprimorar o programa de atualização e capacitação de professores e avaliar os projetos de Educação à Distância, dentre outras atribuições. Está direcionado para a pré-escola, a educação especial, o ensino básico e tecnológico (UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO, 1996).

Deve-se ter em mente que a Educação à Distância é apenas uma estratégia, uma metodologia de ensino a serviço da Educação. Desse modo, a estrutura do

curso, o currículo, os materiais didáticos e os critérios de avaliação serão similares aos aprovados para os cursos convencionais. Serão diferentes apenas as atribuições do professor, a relação professor–aluno, os meios usados para veicular o conhecimento, os tipos de materiais didáticos, a forma de avaliar e a organização técnico-administrativa do setor responsável pelo programa de cursos.

É fundamental a criação de um sistema integrado e harmonioso de Educação à Distância em nível nacional, aspecto particularmente delicado e complexo por se tratar de uma modalidade de ensino que tem condições de cobrir todo o País.

"O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino à distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, além da educação continuada".

Na atualidade existe uma grande valorização da Educação à Distância – EAD e os especialistas crêem na sua capacidade de cumprir metas de instrução com uma relação custo/benefício menos onerosa para se ter um grande alcance. Percebe-se que por ter uma grande demanda, a EAD às vezes se vulgariza como modalidade educacional. Existe hoje uma proliferação de núcleos promotores de educação à distância com materiais didáticos sem a devida qualificação e compreensão de seus limites e potencialidades, nota-se assim que temos que aperfeiçoar e qualificar cada dia que passa, para que haja cursos qualificados e competitivos.

Esta monografia abordará aspectos referentes à avaliação a ser utilizada em cursos de Educação a Distância. Procurar-se-á entender o mecanismo avaliativo no processo de ensino aprendizagem de tal forma que atenda as mais diversas necessidades e situações.

## 1.1. Justificativa

É necessário clarificar o que se entende por processo educativo: educar não é simplesmente fazer com que o aluno memorize uma seqüência de informações; trata-se de fazer com que o aluno seja capaz de compreender conceitos a partir da vinculação dos mesmos com sua realidade próxima e de reinterpretá-los. E por meio dessa mesma experiência cotidiana, com base nas ações empreendidas para melhor compreendê-la e transformá-la, que seja capaz de teorizar sobre sua prática (Tereso, 1992).

Para tanto o mecanismo avaliativo em Educação a Distância é de suma importância para se ter um retorno quase que imediato daquilo que o aluno estudou e conseqüentemente irá aprender. Temos várias teorias pedagógicas, onde se faz necessário o conhecimento das dessas para que se possa aplicar de forma coerente e concisa nas inúmeras etapas avaliativas dos cursos a que se refere.

É bom recordar que a administração da educação no Brasil e na América Latina tem sido conservadora e em função disto mais técnica que social, em virtude das políticas sócio-econômicas existentes. A interferência política-econômica expressa pelo sistema econômico vigente "Capitalista", representa a forma de gestão centralizadora e vertical no qual a horizontalidade aparece apenas no discurso e nunca no vivenciado.

Verifica-se a partir dos anos 60, com ênfase na década de 80, um movimento discreto de insatisfação com essa situação, emanada da sociedade civil, sem, contudo, ter provocado grandes transformações no sistema educativo. Haja vista,

aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), decreto nº. 2494, de 10 de fevereiro de 1998, que regulamenta o artigo 80 da referida lei.

Na educação à distância a situação é mais grave, pois o governo defende e prescreve a democratização do acesso, da inserção desta modalidade educativa, sem contudo, aumentar o financiamento, definir critérios, dar suporte adequado ao processo de implantação e implementação.

Segundo Martins & Polak (2000), para refletirmos sobre a administração da educação a distância é mister que tenhamos competência para perceber adequadamente todos os fenômenos apreendidos e sentidos pelo corpo: estímulos captados pela audição e visão; estímulos tácteis, graças às tecnologias de informação e de comunicação, que nos mantêm conectados a uma imensa rede e nos faz sentir como parte de uma aldeia global.

De acordo com análises e os posicionamentos declarados em relação à administração do ensino público, consciente ou não, parecem estar em duas correntes. A primeira denuncia a teoria e prática da administração como um espaço amplo do processo de conservação, sustentação e legalização da situação do sistema público. A segunda corrente anuncia a teoria e a prática da administração como instrumento de transferência estrutural da sociedade pela sua contribuição na construção de uma prática educativa comprometida com os interesses coletivos das camadas populares.

Para educar o indivíduo para a vida social, os processos terão que ser de cooperação e solidariedade, as políticas oficiais não devem continuar apresentando-se como resultantes de acordos harmônicos entre as equipes que detêm maior poder. As aspirações para se alcançar uma educação democrática, visando à

expansão da igualdade de oportunidades, perderão sua força política mobilizadora, devido às pressões contínuas exercidas pela instabilidade do poder econômico, pela destruição de valores, pela violência e pelo desemprego.

Para Saviani, citado por Onilza Borges Martins (1994), a busca da modernização e da capacitação, em face das necessidades de um mercado cada dia mais competitivo, vem comprometendo o funcionamento do sistema democrático.

Portanto, em qualquer programa de EAD é importante, ainda, controlar o processo de ensino, monitorando a comunicação com os alunos e informando sobre os procedimentos administrativos dos programas, tais como prazos para entrega de exercícios e avaliações, datas das atividades programadas e formas de comunicação mais adequadas, entre outros aspectos. O fundamental é estabelecer um fluxo contínuo de comunicação com o aluno. Esse canal pode ajudar a diminuir a sensação de solidão, praticamente inevitável nos processos à distância, o que também contribui para minimizar os índices de evasão.

Assim sendo, importa desenvolver uma proposta crítica, pautada numa concepção globalizante do conhecimento, na visão construtivista da aprendizagem e numa avaliação formativa, processual e diagnóstica. Nessa perspectiva, as experiências em EAD implementadas em rede podem ser bastante significativas, pelas possibilidades que apresentam para realizar, a todo instante e em tempo real, a avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

## 1.2 Objetivos

### 1.2.1 Objetivos Gerais

- 1.2.1.1 Produzir conhecimento fundamental para que se possa compreender a realidade e participar de sua constituição na elaboração de avaliações.
- 1.2.1.2 Identificar o processo utilizado nos diferentes sistemas de educação à distância, pelas diferentes avaliações utilizadas como recursos de mediação pedagógica.

### 1.2.2 Objetivos Específicos.

- 1.2.2.1 Implementar mecanismos didáticos para a elaboração de avaliações variadas de acordo com o público alvo.
- 1.2.2.2 Discutir subsídios teóricos para o planejamento do material didático de acordo com a clientela a ser absorvida.
- 1.2.2.3 Propor pensamento crítico da realidade, mediante a avaliação.
- 1.2.2.4 Preocupar-se em considerar o nível de compreensão do aluno, respeitando o seu saber, enquanto ponto de partida para reflexão de suas próprias experiências e de outras situações reais.

- 1.2.2.5 Desenvolver as formas de expressão que traduzem a compreensão crítica.
- 1.2.2.6 Respeitar o modo como cada um traduz a sua expressão da realidade, para que paulatina e cumulativamente, vá construindo formas mais elaboradas, organizadas e sistematizadas para representar e expressar o mundo.

### 1.3 Metodologia:

A metodologia utilizada nessa monografia é de pesquisa bibliográfica e através de sites para pesquisa.

O trabalho deve estar embasado no projeto de formulação de um curso pré-estabelecido, onde a consultoria será necessária para treinamento de equipe e idealizar assim não só o material didático adequado para cada curso proposto pela entidade mantenedora, mas também para o sistema avaliativo.

### 1.4 Estrutura da Pesquisa

Esta monografia está embasada em pesquisa bibliográfica e em pesquisa de sites onde a busca foi por conhecimento geral em EAD e conseqüentemente numa “pequena” e delicada questão que é da formulação de avaliações pedagógicas

Assim sendo a avaliação assume-se como uma temática bastante importante no campo da Educação, sendo a investigação nesta área bastante extensa. A avaliação não é algo de exógeno ao processo de ensino-aprendizagem, nem independente dos diversos componentes que envolvem o mesmo processo.

Ou seja, quando se fala de avaliação não refere a um fato pontual ou de um ato singular, mas de um conjunto de fases que se condicionam mutuamente. Portanto, esse conjunto de fases ordena-se - são um processo - e atuam de forma integrada num sistema. Por sua vez a avaliação não é algo separado do processo de ensino-aprendizagem, não é um apêndice independente do referido processo e joga um

papel específico em relação ao conjunto de componentes que integram o ensino como um todo.

## **2. PROCESSO DE AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

Vários critérios irão compor este processo de avaliação, e não apenas um único instrumento, como a prova, por exemplo, num método tradicional de ensino. Não se quer, aqui, contestar a aplicabilidade de uma avaliação única, e sim, tentar modular a avaliação, a partir de uma série de variáveis que integram todo o processo de busca do conhecimento.

A avaliação de aprendizagem deve possibilitar às pessoas maior consciência de como está se desenvolvendo internamente seu processo de construção do conhecimento, de quanto elas estão, efetivamente, assimilando os conteúdos. Porém, o que acontece, é que os alunos enxergam na avaliação apenas um instrumento que irá modular um grau de "aprendizagem". Um aprovado ou reprovado, independente do grau efetivo de aprendizagem realmente adquirida. O que se propõe é a utilização de exercícios (testes) eletrônicos ao longo de um curso, da disponibilidade do material, na intenção de minimizar os efeitos negativos atribuídos à avaliação/prova, provenientes do ensino tradicional.

Uma avaliação final pode, além de aferir os conhecimentos e o rendimento do aluno, colher subsídios visando verificar a eficácia do método utilizado. Atestar se nesta nova metodologia de ensino são realmente eficazes as formas propostas para compor o processo de avaliação.

## 2.1 Quadro Teórico

A necessidade de se conceituar a avaliação como parte integrante no processo do ensino-aprendizagem é um fator importante, e não algo alheio que serve para 'julgar' os alunos. É, pois, necessário ver a avaliação como parte integrante do processo ensino-aprendizagem. Além disso, a avaliação não pode reduzir-se apenas à análise das pessoas, e, neste âmbito, essencialmente dos alunos.

Quando se fala na avaliação escolar, imediatamente ocorre falar da avaliação do rendimento dos alunos como se esta fosse algo que recai exclusivamente sobre eles, ignorando-se os restantes intervenientes no processo de desenvolvimento de um curriculum. (Pacheco, 1995, p. 13)

Desta forma, a avaliação poderá apresentar-se com uma visão holística (analisando os diversos 'intervenientes' no processo de ensino-aprendizagem), deve ter em conta as diferentes perspectivas e interpretações dos diversos atores, devendo, também, contribuir para a análise da própria avaliação (meta-avaliação). Esta última vertente tem sido sobretudo acentuada pela corrente crítica na educação de adultos, observando a necessidade do indivíduo, onde o professor deve ser capaz de refazer o sentido dos esquemas assumidos, ou seja, ser capaz de aceder a perspectivas alternativas (Brookfield, 1986, 1995; Garrison, 1992; Mezirow, 1990, 1991). Assim, é fundamental que a avaliação assuma uma vertente crítica e reflexiva da própria ação, a fim de analisar e melhorar essa mesma ação: trata-se de um processo de reflexão-ação-reflexão. Para tal é necessário que o professor tenha em

conta as perspectivas alternativas e diferentes interpretações dos outros atores do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, os educandos.

As linhas que se seguem procuram contribuir, de uma forma sintética, para uma reflexão sobre a avaliação do processo de ensino-aprendizagem, apresentando alguns tópicos da reflexão teórica sobre esta temática.

#### 2.1.1 Avaliação por objetivos:

- ⇒ A análise do sistema centra-se na concepção do ensino como uma tecnologia, ou seja, na otimização eficaz dos resultados preestabelecidos da aprendizagem (Rivlin, 1971; Rossi, Freeman & Wright, 1979);
- ⇒ A avaliação por objetivos consiste numa constante comparação dos resultados dos alunos com os objetivos previamente determinados na programação do ensino (Tyler, 1942; Mager, 1962; Popham, 1975);
- ⇒ Para uma avaliação objetiva e eficaz é necessário formular com clareza e precisão os comportamentos individuais específicos nos objetivos de um programa, de um tema, ou de uma sessão de ensino.

#### 2.1.2 A Avaliação como informação para a tomada de decisões:

- ⇒ A Avaliação deve orientar-se fundamentalmente na recolha de informação a fim de comunicar essa mesma informação a quem tem de tomar decisões ao nível do ensino (Cronbach, 1982);

- ↳ O acento tônico centra-se na qualidade da informação, devendo ser clara, oportuna, exata e válida;
- ↳ A função do avaliador é fornecer informação útil essencialmente sobre o processo, sendo o objetivo o aperfeiçoamento do ensino (Stufflebeam, 1971).

### 2.1.3 Avaliação sem referência a objetivos (Scriven, 1967; 1981):

- ↳ A avaliação deve ter em conta duas vertentes: a análise do processo de ensino a fim de intervir para o seu aperfeiçoamento (avaliação formativa); o estudo dos resultados, não apenas os previstos nos objetivos, mas também os imprevistos (avaliação somativa);
- ↳ A avaliação sem referência a objetivos procura evitar que o avaliador se fixe apenas nos resultados previstos.

### 2.1.4 Avaliação baseada na crítica artística (Eisner, 1977)

- ↳ Este modelo centra-se na concepção do ensino como uma arte e o professor como um artista;
- ↳ A avaliação tem um carácter descritivo, um carácter interpretativo, e tem a tarefa de realizar juízos de valor.

## 2.1.5 Avaliação baseada na negociação

### 2.1.5.1 Avaliação iluminativa (Parlett & Hamilton, 1972)

- ⇒ A avaliação não pode abarcar apenas os resultados do ensino, mas o ensino em toda a sua totalidade;
- ⇒ A complexidade do processo não pode ser avaliada apenas utilizando uma metodologia objetiva, exata;
- ⇒ É necessário "combinar a observação, as entrevistas com os participantes (estudantes, instrutores, administradores, etc.), questionários e a análise de documentos e de informação sobre os antecedentes, a fim de ajudar a 'iluminar' ou esclarecer problemas, questões e significativos do programa".

### 2.1.5.2 Avaliação respondente (Stake, 1997)

- ⇒ A finalidade deste modelo é procurar responder aos problemas e questões reais que se colocam a professores e alunos quando desenvolvem um programa educativo.
- ⇒ A avaliação centra-se mais nas atividades do programa do que nas intenções do mesmo.
- ⇒ Toma em consideração as diferentes interpretações daqueles que estão envolvidos no programa, enfatizando a necessidade de implicá-los na análise e valoração do programa.

### 2.1.5.3 Avaliação democrática

- ⇒ Necessidade de investigar e avaliar a sala de aula com procedimentos metodológicos naturalistas.
- ⇒ A finalidade principal da avaliação deve ser facilitar e promover a transformação de concepções, crenças e modos de interpretar dos que participam no programa educativo (Stenhouse, 1975)

### 2.1.6 Aspectos essenciais na reflexão sobre a Avaliação

- ⇒ A realidade social é dinâmica e está constantemente em mudança;
- ⇒ O indivíduo é um agente ativo que constrói e dá sentido á realidade;
- ⇒ O programa educativo não é um produto considerado à margem do contexto e dos sujeitos que o desenvolvem;
- ⇒ O avaliador deve ter em conta marcos de referência teóricos e possibilitar que a teoria surja dos próprios dados;
- ⇒ A metodologia deve ser eclética e adaptada ao meio educativo;
- ⇒ É necessária uma compreensão holística dos fenômenos, situações e fatos;
- ⇒ A avaliação deve centrar-se fundamentalmente numa lógica indutiva.

## 2.2 Concepções de Avaliação

- Só se avalia o aluno;
- Só se avaliam os resultados;

- Só se avaliam os conhecimentos;
- Avaliam-se apenas os resultados pretendidos;
- Só se avalia principalmente a vertente negativa;
- Avaliam-se somente as pessoas;
- Avalia-se apenas quantitativamente;
- Utilizam-se instrumentos inadequados;
- Avalia-se de forma incoerente em relação ao processo ensino-aprendizagem;
- Avalia-se estereotipadamente;
- Não se pratica a avaliação contínua;
- Não se avalia para melhorar o processo
- Não se avalia eticamente;

## 2.3 Características da avaliação

### 2.3.1 Integrada

- Inserida no processo ensino-aprendizagem (Zabalza, 1995; Sacristán, 1998);
- A avaliação faz parte do processo de aprendizagem compreensiva e significativa, possibilitando o diálogo crítico dos alunos sobre os problemas que encontram a levar cabo as suas tarefas (Elliot, 1990)
- Apresenta um grande valor informativo sobre a evolução do processo de aprendizagem (Zabalza, 1995; Baker e Nishikawa, 1992; Knowles, 1985);

### 2.3.2 Holística e globalizadora

- Tem em conta não só os aspectos intelectuais da pessoa do aluno, mas também as dimensões de tipo afetivo, social e ético;

### 2.3.3 Contínua

- Centra-se numa perspectiva da avaliação integrada no processo ensino-aprendizagem;
- Procura desenvolver um processo de reflexão - ação – reflexão (Brookfield, 1995; Mezirow, 1991).

## 2.4 Avaliação como processo e como sistema

"Quando se fala de avaliação não está se falando de um fato pontual, mas de um conjunto de passos que se condicionam mutuamente. Este conjunto de fases ordenam-se seqüencialmente (são um processo) e atuam integradamente, podem conter:

- Propósito: cada avaliação responde a várias intenções (para saber como vão os alunos, para organizar um novo curso, para castigá-los, para subir notas, para analisar o clima relacional, etc.) (...).
- Técnica: em função do propósito seleciono a técnica.
- Questões colocadas: escolhido o tipo de técnica, seleciono as questões, problemas ou aspectos que vão estar incluídos na prova;
- Aplicação: preparado o protocolo aplico-o, recolho a informação (...).

- Resposta ou conduta dos alunos: os alunos (...) dão as suas respostas ou realizam a conduta solicitada.
- Correção: o professor ou o avaliador 'mede' os resultados.
- Classificação: o professor ou o avaliador 'valoriza' os resultados.
- Conseqüências derivadas da avaliação: podem ser de tipo pessoal, administrativo (aprovar-promover, suspender, repetir), familiar (prêmios e castigos em casa), didático (feedback sobre o processo de ensino, etc.)." (Zabalza, 1995, p. 239)

## 2.5 Técnicas de Avaliação

- Exames convencionais: orais, escritos, práticos;
- Provas objetivas: resposta breve e de complemento, seleção de alternativas (binárias ou múltiplas), de correspondência, de ordenamento;
- Observação: casual (recolhem-se fatos soltos significativos), sistemática (através de instrumentos para o efeito, como, registro de incidentes ocasionais, listas de controle, etc.), escalas de atitudes (questionários dirigidos a explorar as atitudes dos sujeitos), escalas de produção (para valoração dos produtos dos alunos por comparação com os modelos que oferece a escala);
- Entrevista: variando segundo o tipo de estrutura (estruturada, semi-estruturada, aberta), segundo o propósito (interrogadora, transacional, orientadora).

- Técnicas sociométricas: sociogramas (análise das relações intragrupais que se expressam por uma série de índices e esquemas gráficos), escalas de distância social (em que o sujeito se situa face aos seus colegas), listas de participação (instrumentos para observar, analisar e caracterizar as intervenções de cada participante durante uma sessão grupal).

### **3. Avaliação na Educação a Distância**

O planejamento de um programa a distância se distingue por envolver um processo de tomada de decisões bastante complexo, que compreende todos os aspectos da ação educativa. Em primeiro lugar é necessário buscar soluções para responder às demandas existentes, levando-se em conta as características do público-alvo e as condições materiais e financeiras disponíveis. É a análise do problema a resolver e o diagnóstico da situação que fornecem os primeiros elementos para planejar. Nesse processo inicial de investigação do contexto é fundamental identificar o perfil da clientela destinatária do programa. O conjunto de dados que anteriormente já foi pesquisado orientará as escolhas das ações pedagógicas a serem desenvolvidas no decorrer do processo de ensino e de aprendizagem.

Todos esses aspectos destacados são, portanto, imprescindíveis como pontos de partida do planejamento de programas de EAD. Pode-se mesmo afirmar que os bons responsáveis por um planejamento são pessoas que “perderam” algum tempo

para identificar a diversidade de experiências que os rodeiam e a que poderão recorrer, constituindo com elas o potencial da ação. (Barbier, 1991)

Durante o planejamento, depois de recolhido o maior número possível de informações sobre a realidade, tem início o processo de definição dos materiais, recursos tecnológicos que serão utilizados e os métodos avaliativos a serem empregados.

Nessa perspectiva, o trabalho com EAD implica necessariamente a implementação de uma tutoria capaz de estreitar o diálogo com os alunos e viabilizar a interação necessária à construção do conhecimento. Os tutores atuam no sentido de acompanhar o processo de aprendizagem dos alunos, sugerindo métodos de estudo, esclarecendo dúvidas, indicando bibliografia complementar e propondo a realização de novas pesquisas, além de avaliar o aluno. O tutor, assim, coloca-se na posição de interlocutor, daquele que aprofunda o diálogo do aluno com o conhecimento, propondo questões e problematizando os temas apresentados nos materiais. Ele é também o animador do processo, aquele que estabelece o vínculo afetivo indispensável à aprendizagem, incentivando o aluno, estimulando as trocas e contatos entre os alunos, instigando-os a participar das atividades presenciais e dos encontros virtuais que estreitam a interação do grupo. Partilhar experiências e refletir em conjunto, mesmo a distância é fundamental para a construção e a socialização do conhecimento.

O conjunto de decisões tomadas para a formatação de programas a distância não pode prescindir de uma proposta pedagógica de consenso entre todos os membros da equipe que planeja e elabora os programas. Coerente com o tipo de educação profissional que a Instituição busca oferecer, a opção é por romper com o paradigma

condutivista, reforçador da fragmentação do conhecimento, é por afastar-se do tecnicismo dos anos 70, infelizmente ainda hoje presente em muitos programas de ensino informatizados adotados na EAD.

### 3.1 A avaliação de desempenho do aluno em EAD

Quando se fala de avaliação, fala-se de um processo extremamente complexo seja no âmbito de nossas vidas privadas ou no âmbito profissional. Imaginem a complexidade do tema quando tratamos dos processos de ensino/aprendizagem.

No âmbito mais geral no dia a dia, a cultura e os próprios entraves sociais acabam por definir critérios que nos permitem avaliar situações cotidianas.

Da mesma maneira, quando se trata de avaliação de programas educacionais ou da avaliação do processo ensino/aprendizagem, determinados critérios devem ser observados ou explicados para saber o porquê e o para quê de um processo dessa natureza.

Ao trabalhar com propostas educacionais é possível afirmar que uma das principais características é a de ser uma ação que pressupõe processos de acompanhamento e avaliação, além de ser uma ação intencional e sistematizada.

Percebe-se que a educação tradicional está falha e é a partir das formas avaliativas que não surtem resultados esperados é que entra a educação à distância, para reavaliar os grandes problemas enfrentados por quem não pode estudar de forma convencional.

Tem-se a idéia de que em um processo educacional à base do trabalho com os conhecimentos historicamente acumulados, vem através da transmissão e reelaboração que são mediados, no contexto escolar, pelo professor. Para que estes saberes possam ser apropriados pelos alunos, há que se pensar sempre na forma pela qual se dá a comunicação educativa, entendendo que este tipo de comunicação terá como fundamento signos e significados, constituídos social e culturalmente.

Acima, aponta-se uma série de elementos: fala-se sobre saberes, contexto escolar, signos, significados, sociedade e cultura. Sem dúvida que se refere a dimensões diferenciadas das práticas escolares, no entanto, não se pode reduzir esta prática, pura e simplesmente, à sala de aula. Um processo educativo compreende dimensões que extrapolam, em muito, a relação professor/aluno ou a relação aluno/saberes.

Assim, os processos de acompanhamento e avaliação são intrínsecos aos processos educacionais porque é através deles que se levanta indicadores que venham revelar se a aprendizagem foi efetiva ou não.

Desta maneira, é possível afirmar que a avaliação é parte integrante do ato educativo, pois será através dela que se evidencia o "como" o processo de ensino/aprendizagem se desenvolve e, se preciso for, readequá-lo, redirecioná-lo ou reelaborá-lo.

A base de toda avaliação do processo de ensino/aprendizagem deve ser aquela que possibilite, sempre, um conhecimento mais amplo dele gerando, a partir daí, referenciais para tomadas de decisões quanto à manutenção ou não de determinadas práticas escolares.

Para se estabelecer estes referenciais há uma série de estudos sobre a avaliação que explicita as bases desta ou daquela "prática avaliativa".

A avaliação de desempenho faz parte de um sistema mais amplo de avaliação de um projeto pedagógico, seja na modalidade de ensino a distância seja no ensino presencial. Um programa de avaliação de desempenho na modalidade de ensino a distância se apóia em conceitos básicos da avaliação em seu sentido geral.

A avaliação desempenha funções que a legitimam e tornam indispensável no processo educativo. Sua função mais evidente e reconhecida é a pedagógica, que visa, principalmente, à verificação da aprendizagem dos alunos, à identificação de suas necessidades e à melhoria (regulação) do processo de ensino aprendizagem. Essa função se complementa com a função social de certificação dos alunos, compreendida como declaração de domínio das competências curriculares enunciadas em uma proposta pedagógica. Na função pedagógica temos a explicitação do conceito de avaliação subjacente a essa proposta.

A avaliação de desempenho escolar é um processo sistemático de obtenção e análise de informações sobre uma realidade, buscando na compreensão dessa realidade os elementos que possibilitam uma intervenção consciente daqueles que dela participam, visando aos objetivos de ensino e aos fins da educação, posto que a avaliação é um dos recursos que contribuem para a efetividade de uma proposta pedagógica que tenha o sucesso de seus alunos como um de seus desafios. Ela constitui uma fonte permanente de informações sobre a realidade do processo ensino-aprendizagem.

Em EAD a avaliação funciona como um estímulo ao aluno, à sua aprendizagem e ao seu sucesso, pois favorece a autoconfiança, já que ele é informado durante

todo o tempo sobre o seu progresso. Essa informação constante não acontece somente nos momentos formais de avaliação (cadernos de avaliação, provas, seminários, monografia, observação da prática pedagógica). Quando o material didático utilizado na EAD é bem elaborado, de acordo com as características que lhe são próprias, possibilita ao aluno uma avaliação constante de seu progresso e de suas dificuldades, dando-lhe ensejo de continuar e/ou indicativos da necessidade de buscar orientação complementar, seja do sistema de tutoria ou de outro sistema de apoio que esteja disponível. Essa possibilidade de avaliação de seu progresso a cada passo, a cada atividade de estudo realizada, contribui para uma melhor compreensão da avaliação como parte integrante do processo ensino-aprendizagem e de suas funções formadora e mobilizadora da aprendizagem segundo os ritmos individuais e diferenciados dos alunos.

A avaliação de desempenho num curso de educação a distância deve, portanto, ser contínua, cumulativa, abrangente, sistemática e flexível, de modo a permitir:

- Acompanhar o desempenho escolar de cada aluno, identificando aspectos que demandem atenção especial;
- Identificar e planejar formas de apoio aos alunos que apresentam dificuldades;
- Verificar se os objetivos específicos propostos estão sendo alcançados;
- Obter subsídios para a revisão dos materiais e do desenvolvimento do curso.

A prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos pressupõe a realização da avaliação em momentos formais, distintos e complementares, com instrumentos especialmente planejados e elaborados, tendo em vista os objetivos de cada momento avaliativo e das informações que se deseja obter.

Considerando a exigência legal de avaliação presencial para os cursos de educação a distância é importante destacar dois instantes da avaliação: um que acontece em momentos diferenciados ao longo do curso, segundo o ritmo de cada aluno, mas, dentro dos limites de um calendário proposto no plano de trabalho estabelecido para a unidade e/ou o módulo de ensino, e um que acontece ao final de cada módulo, sob a forma de prova.

O primeiro momento, a avaliação de processo, estende-se por todo o módulo, caracteriza-se por seus aspectos formativo e diagnóstico e favorece o diálogo constante entre as atividades didáticas e a aprendizagem. A avaliação se caracteriza como um processo contínuo e cumulativo e a continuidade desta está inscrita na continuidade da ação didática. É nesse movimento que a idéia de processo contínuo e cumulativo deve ser apreendida, pois a avaliação cumulativa não é avaliação que soma ou acumula resultados que se sobrepõem. Cada resultado parcial é a ruptura que brota na continuidade do processo e possibilitam novas ações didáticas, dentre elas, as ações avaliativas.

A avaliação de processo acontece de maneira formal e informal. Formal, quando utiliza os instrumentos preparados para a obtenção de informações sobre habilidades e ou competências previstas no projeto pedagógico do curso. Mas, não podemos desprezar, na educação a distância, fatos e informações não previstos, que emergem durante todo o processo, e que são reveladores de avanços, progressos e dificuldades do aluno, bem como, indicadores da adequação e da qualidade do material didático, do plano de trabalho elaborado para o curso, do sistema de tutoria adotado.

A avaliação de processo é a que se relaciona mais diretamente com o sistema de recuperação de uma proposta pedagógica que vise a uma aprendizagem efetiva de seus alunos. As avaliações formativa e diagnóstica que acontecem durante todo o processo possibilitam que as dificuldades encontradas pelo aluno sejam percebidas no momento em que aparecem e tornam possíveis as ações que visam à superação dessas dificuldades. Na recuperação durante o processo o aluno sente-se mais motivado a buscar os procedimentos e recursos didáticos que possam lhe ajudar.

A operacionalização de um sistema de avaliação acha-se diretamente relacionada aos instrumentos utilizados para a obtenção de dados e informações. Assim como na educação presencial, na educação a distância a escolha desses instrumentos deve ser bastante criteriosa, tendo em vista os objetivos da avaliação e as características dos dados a serem obtidos. Como exemplos de momentos e instrumentos para uma avaliação na educação a distância pode se ter :

- Avaliação mensal da aprendizagem ou unidade de estudo: prova; caderno de atividades, seminários (quando há possibilidade de encontros mensais de grupos de alunos); redação de memorial em seus diversos momentos e versões; elaboração de projeto de monografia; redação de monografia em suas diferentes versões e momentos.
- Avaliação da prática pedagógica: ficha de registro de observação; entrevista; questionário; análise de planos; memorial; seminários (quando é possível a reunião de grupo de alunos).

- Avaliação semestral ou do módulo cursado: prova; memorial como síntese parcial de curso; monografia (observação dos avanços no semestre ou módulo).
- Avaliação final de curso: prova; memorial em sua versão final; monografia em sua versão final.

No processo de avaliação tem-se, então, como fundamento um trabalho sistematizado. Ou seja, é necessário estabelecer critérios para que a avaliação seja objetivada, considerando as várias dimensões de um processo educativo.

No campo da produção científica, a discussão em torno desta problemática tem produzido uma série de teorizações sobre o que seja avaliar, porque se avalia e a partir de que critérios ela se desenvolve.

Como todo e qualquer campo do conhecimento a avaliação pressupõe determinada visão de mundo, isto significa que em sua compreensão se explicitará sempre uma determinada visão de homem, de sociedade e, por conseguinte, da escola.

Estas "visões mais gerais" acabam por trazer implicações metodológicas e práticas para a avaliação do processo ensino/aprendizagem, elas acabam por determiná-la também.

Tanto é assim que para Abramowicz (1994), por exemplo, a avaliação quando pensada em seu sentido mais amplo, isto é, quando se trabalha com a idéia da avaliação dos sistemas educativos, isso implica em tomadas de decisões que subsidiariam a formulação de políticas públicas. No entanto, é exatamente por se estar pensando na avaliação de sistemas educativos, que a avaliação cognitiva, como uma das dimensões desses sistemas, seria determinada, segundo a autora,

pelas concepções que dão forma e conteúdo a esses mesmos sistemas. Daí, a relação entre a avaliação cognitiva e política, ou políticas públicas. A autora reconhece que apesar de se constatar que a avaliação é "essencialmente uma atividade política, a relação entre avaliação e política é pouco estudada e compreendida" (Abramowicz, 1994, p.95).

O mais importante é perceber a relação entre as dimensões mais amplas da avaliação que indicam, como o trabalho por Abramowicz, a implementação de determinadas políticas e o reflexo disso em sala de aula. É nesse sentido que a avaliação do processo ensino/aprendizagem acaba por exprimir, quer se esteja de acordo ou não, com a visão de sociedade, homem, escola, ensino, dentre outros elementos.

Toda essa reflexão proposta evidencia a necessidade de se contextualizar a denominada avaliação cognitiva de maneira que pudéssemos superar sua concepção como "mera constatação do desempenho, como retrato estático de rendimento em testes e provas". Se se compreender que o "projeto de avaliação cognitiva" da escola expressa um projeto de sociedade, a avaliação do que ocorre nesse espaço "passaria pelo questionamento dos fins e meios, e pela discussão da "real irracionalidade" (Arroyo, 1987) das ações sociais e educacionais e de suas causas estruturais mais globais" (Abramowicz, 1994, p.98).

Rodrigues (1993), faz um referencial da avaliação escolar onde se deve trabalhar a partir do currículo, uma vez que ele engloba objetivos, procedimentos etc. Tem-se a idéia de que o processo avaliativo deve pautar-se em determinados referenciais, pois são estes referenciais que explicitarão nossa opção política, entendendo a opção política como "o quê" e "a quem" estaremos priorizando no ato de se avaliar.

É importante refletir sobre os fundamentos que permeiam a opção avaliativa que implica em um posicionamento ético frente ao ato de ensinar.

Isto significa que a opção por determinados critérios avaliativos vai redundar, necessariamente, na valorização de elementos que poderão ou não, evidenciar, por exemplo, os esforços individuais feitos pelos alunos que participam de um processo formativo.

O fato é que, a opção por esta ou aquela forma de avaliar, irá revelar, quase sempre, nossa concepção de mundo. Caso optemos por avaliar um processo ensino/aprendizagem, cuja base seja classificar os "bons" e os "maus" alunos, estaremos, podem estar convencidos, optando por uma escola cada vez mais seletiva e excludente.

Claro que a instituição escola é determinada pelos fatores sociais, econômicos políticos e culturais e isto incide sobre seus resultados. Porém, não é por isto que irá eximir todos de pensar sobre os fatores intra-escolares que contribuem para o insucesso escolar em nosso país, incluindo aí os currículos anacrônicos às realidades vividas pelos alunos, as práticas docentes autoritárias, as avaliações de caráter classificatório, entre outros elementos.

Tentar trabalhar com processos educativos que venham mudar o cenário da exclusão escolar na maioria das escolas brasileiras significa, um posicionamento ético, político e de engajamento profissional com vistas a mudanças importantes nas práticas docentes.

Caso não se tenha como objetivo a mudança concreta nos processos de ensino-aprendizagem, a avaliação seria inócua como afirma Villas (1999). Para a autora, a

avaliação pode ser entendida como um processo amplo de observações, intervenções e regulações.

O que se discute aí seria os elementos que, de uma maneira ou outra, acabam por influenciar ou a conservação dos sistemas educativos ou suas mudanças. Caso optemos por mudanças efetivas nos sistemas educativos, temos que pensar não só em procedimentos de caráter formativo, porém, sobretudo, em atitudes que venham efetivamente possibilitar mudanças.

Desta maneira questiona-se: a avaliação, ou melhor, o processo avaliativo que traz, então, em suas bases uma gama de atitudes frente aos problemas que enfrentamos em nossa prática docente. Pode-se afirmar que a avaliação implica o rompimento de determinados condicionantes que existem em práticas pedagógicas mais tradicionais.

### 3. 2 Algumas considerações sobre a Avaliação e a Educação a Distância

As compreensões acerca dos processos de desenvolvimento do conhecimento e do ensino/aprendizagem ocorrem a partir dos mesmos princípios epistemológicos que dão base ao sistema presencial de ensino.

Pode-se pensar em sistemas de aprendizagem desenvolvidos através da EAD como empirista ou interacionista. Quase sempre se confunde com as possibilidades de uso da EAD com sistemas de ensino mais interativos e democráticos como se a modalidade, por si só, pudesse estabelecer novas práticas educativas. Aparici (1999) nos explica que grande parte desse tipo de percepção tem a ver com a idéia

bastante "fetichizada" de que com o uso mais intenso das novas tecnologias da informação e comunicação em que boa parte dos problemas relativos à EAD estariam solucionados, uma vez que nessa modalidade de ensino tal uso é mais freqüente. No entanto, é possível afirmar que, por exemplo, caso pensemos em sistemas cuja concepção esteja embasada na idéia de que alunos e professores irão, apenas, reproduzir os conhecimentos já estabelecidos, ainda que mediados tecnologicamente, tem-se como resultado, sem dúvida nenhuma, um sistema de ensino bastante empobrecido, logo bastante limitador quanto às suas possibilidades de interação, interlocução e diálogo.

No entanto, se trabalharmos com a idéia de que alunos e professores vivem e experimentam diferentes formas de relações entre o vivido e o pensado, a postura, ou melhor, a forma de perceber como o conhecimento é produzido será completamente distinta do que já se observou sobre educação.

Assim pode-se pensar em sistemas de EAD mais ou menos diretivos, ou em sistemas em que alunos e professores construam, processualmente, conhecimentos. Expressa-se e define-se nos projetos político-pedagógicos com quem trabalhar, a partir de que objetivos e quais serão as bases metodológicas de desenvolvimento dos processos ensino/aprendizagem. Pois, todo e qualquer projeto político-pedagógico define uma concepção de aprendizagem, o que inclui também uma visão de avaliação.

Na visão de Neder (1996), a avaliação educacional transcende, sempre, os aspectos ligados ao rendimento escolar, estando vinculada a políticas e programas educacionais.

E a EAD se configura como uma modalidade de ensino que pressupõe o rompimento da relação "face-a-face" entre alunos e professores. Como é uma modalidade de ensino que tem por base este fato, elementos como os meios de comunicação, os materiais didáticos, a tutoria acadêmica, entre os elementos mais importantes neste tipo de sistema, assumem um papel central nos processos educativos, pela função da necessidade de mediá-los. Isto não significa que os sistemas constituídos para um processo de ensino/aprendizagem baseado na EAD, impliquem novas formas de aprendizagem. Significa, simplesmente, que novos ambientes de aprendizagem podem se constituir de maneira independente da relação professor/aluno que conhecemos. Assim quando tratamos da EAD, estes novos ambientes devem ser considerados também no processo avaliativo. Desta maneira, o material didático, meio de comunicação, tutoria e organização de meios, acaba por influenciar os processos de ensino/aprendizagem, sem, no entanto, modificar seus fundamentos epistemológicos.

Na EAD os "novos" elementos a serem considerados no processo avaliativo não modificam, substancialmente, os processos de ensino/aprendizagem que conhecemos. Estes novos elementos, apenas, dão um novo significado ao denominado projeto político-pedagógico de um curso desenvolvido através dessa modalidade seja ele de que natureza for, considerando aí os processos de avaliação. É neste sentido que Neder (1996) também aborda essa temática em suas reflexões.

No entanto, a EAD apresenta alguns problemas que lhe são específicos. Do ponto de vista da avaliação da modalidade, um dos problemas mais freqüentes diz respeito às altas taxas de abandono nos cursos trabalhados através dessa

modalidade. Pode-se afirmar que toda proposição de sistemas educativos baseados na EAD deverá tomar isso como referência e, a partir daí, indicar alternativas que venham, efetivamente, mudar isto.

Alonso e Preti (1996) ao "tocarem" nesse assunto, o apontam como um dos problemas mais freqüentes na EAD, daí a necessidade de considerá-lo quando tratamos da proposição de projetos e programas que se desenvolvam através dessa modalidade de ensino. E, na visão dos autores, elementos como o acompanhamento sistemático aos alunos, a disponibilidade de meios, o apoio institucional aos estudantes, dentre outros, incidem, fortemente, na permanência do público que usa a EAD.

Exatamente por ser reconhecido como um dos problemas no desenvolvimento da EAD, as taxas de abandono são consideradas hoje como um dos indicadores na análise da efetividade de sistemas de ensino não presenciais, para Paul (1999) o êxito ou o fracasso desses sistemas estaria centrado nesse tipo de avaliação.

Desde os anos de 1970, quando a EAD é colocada como alternativa pedagógica, suas concepções mudaram muito. Grande parte dessas mudanças ocorreu, justamente, por se constatar que os modelos de EAD baseados na economia de escala, na industrialização didática, na massificação, redundaram em fracassos bastante significativos, daí a necessidade de se reconceituá-la (cf. Belloni, 1999). Desta maneira os problemas já vivenciados e as proposições para superá-los são aspectos a serem considerados no momento de pensarmos nossos projetos e programas em EAD.

O que podemos observar é que a proposição de sistemas alternativos de ensino ou a constituição de novos ambientes de aprendizagem que tenham por base a EAD

pressupõem novos paradigmas educacionais. A "velha escola", aquela onde fazia-se tudo ao mesmo tempo, partindo do princípio de que todos podiam aprender tudo de maneira homogênea, já não atende mais às necessidades dos tempos atuais.

Vive-se num momento histórico que coloca em "xeque" a maior parte das certezas que se constituíram a partir do Iluminismo e da Modernidade, incluindo-se aí a escola. Ou seja, a escola que conhecemos não responde mais às necessidade de formação que se pretende hoje e seus métodos, fundados na presença e na autoridade do professor, não permitem que, por exemplo, profissionais possam continuar seus processos de estudo nas instituições conhecidas para este fim.

Quando se fala de novos processos de formação faz-se referência à denominada educação permanente ou continuada. Atualmente, não se compreendem mais os processos educativos como processos com começo, meio e fim. O que se tem colocado é a necessidade de se pensar em sistemas educativos que possam atender às novas demandas por formação que ultrapassem a escola fundamental, o ensino médio e a formação superior, por isso se discute hoje como possibilitar aberturas educativas que respaldem diferentes anseios formativos. Além disto, como formar, na atualidade, alunos que não tenham um mínimo de acesso às denominadas novas tecnologias da informação e comunicação? O que a sociedade nos propõe hoje, é o repensar e o ressignificar os processos de ensino. Cada vez mais se afirma a necessidade de trabalharmos processos educacionais que tenham por base a colaboração e cooperação. Neste sentido o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação poderia contribuir na reconfiguração dos ambientes escolares, na medida em que seu uso pressupõe a transcendência do espaço e do tempo na forma pelo qual os conhecemos, inclusive os relacionados à escola.

E como afirma Jonassen (1996, p.87): "É importante notar que a aprendizagem construtiva estará comprometida somente se os alunos entenderem que serão também avaliados construtivamente e exigirem que os métodos da avaliação reflitam os métodos inseridos nos ambientes de aprendizagem". O que se pode evidenciar é que a avaliação será determinada, em grande parte pela proposta educativa. Este autor trabalha, basicamente, com a proposição do uso intensificado das tecnologias da informação e comunicação nos processos de formação. E, ao tratar da avaliação, ele também traz "à tona" o problema da proposta pedagógica que professores e alunos estarão vivenciando. O problema não é pensar a tecnologia, o meio ou o recurso pedagógico, mas o projeto político-pedagógico que dará sustentação a isso. Parece que o desafio na EAD será o de romper a barreira da relação direta professor/aluno, compreendendo-se que o processo ensino/aprendizagem pode ser mediado por diferentes meios tecnológicos e através de serviços tutoriais preparados para este fim. São estes os elementos que compõem os novos ambientes de aprendizagem, aqueles que ultrapassam a sala de aula convencional e cujos processos de avaliação está determinado pelos projetos educativos e os objetivos de formação que se queira alcançar, determinando, assim, seus critérios e instrumentos.

A avaliação do processo ensino/aprendizagem é uma das dimensões mais importantes para que cursos em EAD sejam preteridos. Entende-se que na EAD os elementos que compõem um sistema não presencial de ensino definem a especificidade e o valor real que os cursos podem ter como forma de aprimoramento da mão-de-obra. É bom lembrar que antes de tudo, não se tem que pensar a EAD

como uma modalidade dissociada de um projeto educativo, mas como uma forma de se organizar processos de formação, submetidos a finalidades, fins, intenções.

### 3.3 O papel do aluno e da avaliação

No processo de aprendizagem é necessário construir uma postura crítica como educando. Isso significa questionar o real, discutir o que está sendo proposto, posicionar-se e assumir a responsabilidade pela sua expressão, interpretar de forma independente a realidade, construir-se como sujeito de sua aprendizagem e cidadão agente de mudanças. Para tanto além do árduo estudo “solitário”, o aluno também deve nos momentos presenciais interagir, participar ativamente nas atividades de grupo, examinando, ponderando, duvidando, polemizando, criticando, criando, imaginando, produzindo idéias, promovendo seu autodesenvolvimento e o dos colegas. Para tanto, o aluno tem que superar a postura de mero espectador de um processo do qual ele não tinha participação, abandonando a condição de reprodução da memorização das informações.

Terá que superar sozinho e também com ajuda do tutor à forma equivocada de se pensar o conhecimento como reprodução/nota/aprovação ou reprovação.

A avaliação se apresenta em duas dimensões interativas. De um lado, a avaliação da prática pedagógica que está sendo vivenciada, vale dizer, a autoavaliação do professor. De outro lado, no nível do aluno, o que conta é a demonstração de pessoa dotada de opinião própria, capaz de interpretar de forma independente a

realidade, decodificando-a, aprendendo a argumentar sobre as suas posições e se sentir estimulado a buscar soluções alternativas com criatividade.

As provas podem ser um dos instrumentos do conjunto de práticas de avaliação. É importante, contudo, ter clareza de que seus resultados não podem ser considerados como um único indicador do desempenho dos alunos.

Muitas vezes, os resultados apresentados nas provas são decorrentes de fatores não relacionados à apropriação do conhecimento que se quer verificar, como por exemplo, a falta de familiaridade do aluno com a linguagem utilizada na elaboração da prova, a insuficiência de tempo para realizá-la e, até um certo grau de subjetividade (inevitável) em sua elaboração e correção.

É imprescindível, ainda, retornar as provas aos alunos após a apreciação do professor e desencadear com o aluno uma discussão sobre os objetivos das questões e as respostas possíveis.

Por outro lado, é o tutor quem vai ajudar os alunos a refletir sobre o modo como estão realizando suas tarefas e como podem melhorar suas competências num determinado tipo de aprendizagem. É importante que o tutor trabalhe com o aluno a identificação do resultado que ele alcançou e também o caminho percorrido.

Para o aluno é importante ressaltar que a avaliação parcial deve ser um mecanismo para estimulá-lo a prosseguir nos estudos, evitando a evasão do curso que é muito comum na modalidade de EAD, sobretudo quando há excesso de rigor na avaliação e dificuldades de diálogo com o aluno. Isto não impede que ao final do processo pedagógico se estabeleça uma avaliação final (avaliação somativa) que está vinculada a exigências formais do nosso sistema educacional, cuja magnitude se relaciona com a natureza do curso.

Para estas questões é recomendado que sejam estabelecidos critérios de avaliação levando em conta a capacidade de síntese, análise, comparação, relacionamento de temas e conceitos, julgamento crítico, criatividade e expressão. Além destes aspectos relacionados com a capacidade de aprendizado do aluno diante dos conceitos tratados, é importante também que se planeje mecanismos de avaliação complementares, que serão importantes para avaliação do próprio curso.

Gutierrez e Prieto (1994) propõem os seguintes requisitos:

- Constatação de apropriação pelo aluno dos conteúdos
- Observação das relações dos alunos com seu contexto
- Observação do compromisso do aluno com o processo educativo
- Envolvimento do aluno na comunidade através de encontros de grupos
- Capacidade de se relacionar
- Produtos ou resultados obtidos

Além destes requisitos, é de grande valia identificar as questões com maior índice de dificuldade pelos alunos, problema que pode espelhar uma falha no texto, a forma de enunciação das questões ou a forma de abordagem de algum conceito. Este tipo de informação subsidiará a avaliação do próprio curso e reformulações futuras.

### 3.4. Validação do material

Trata-se da avaliação do material didático antes de ser enviado aos alunos. De modo geral, a validação é feita através da realização do curso, com o uso do material didático por uma parcela da população-alvo, por amostragem. O curso deve ser aplicado também a uma equipe técnica que não tenha participado da elaboração dos textos e mesmo a outras pessoas da área, diferentes da equipe que efetuou a adequação pedagógica do material (Ruiz e Cordero, 1997).

Observe alguns quesitos que podem ser de grande valia para a validação do material didático:

- Pode-se observar a validação de temas e conteúdos, selecionados após estudo do contexto do curso, por uma equipe técnica e especialistas da área temática e de EAD;
- Validação do material deve ser feita por uma equipe de docentes, pertencentes à coordenação do curso;
- Validação do material deve ser analisada por profissionais da área e professores que compõem o grupo de professores-orientadores do curso.

O material didático é de suma importância também na avaliação, pois a partir de prévias como as citadas acima é que percebe-se possivelmente os resultados esperados ao se avaliar os alunos a distância .

#### **4. Considerações Finais**

Percebe-se na educação convencional que formas avaliativas são impostas pelo processo social e econômico vigente no país. Graças à atual globalização percebe-se que a aprendizagem tem que ser constante e acelerada e cabe a educação à distância o papel fundamental nesse mecanismo de aprimoramento do ser humano. Visto que as pessoas nem sempre tem tempo para freqüentar uma escola convencional.

Considerando que a educação está cada vez mais subordinada à lógica do mercado, o planejamento da avaliação não pode negligenciar a questão mencionada, sob pena de transformar os processos de formação em meros treinamentos.

Atualmente, não existem distâncias nem fronteiras para o acesso à informação e à cultura. Os recursos técnicos de comunicação (impressos, áudios, vídeos, entre outros), acessíveis à boa parte da população, têm possibilitado o grande avanço da Educação à Distância e se convertido em propiciadores da igualdade de oportunidades de acesso ao conhecimento e da democratização das possibilidades da educação.

Avaliar o aluno, ainda é um dos principais entraves para que o ensino à distância encontre o seu ponto real de concretude no Brasil. Acredita-se que ao se estabelecer uma proposta real de controle do uso do material por parte do aluno, bem como parâmetros palpáveis e relevantes para o processo de avaliação-

aprendizagem, estar-se-á contribuindo significativamente na busca de novos rumos desta modalidade de ensino no Brasil, revertendo parte da atual e negativa dinâmica social.

Também é importante se pensar na avaliação dos resultados alcançados, pois tem-se assim a aferição de diplomas e certificados aos aprendizes. Apreciações feitas pelos professores envolvidos baseia-se num instrumento de avaliação integradora e no confronto de resultados obtidos pelos alunos de acordo com os objetivos estabelecidos em cada curso. É importante lembrar que o indivíduo que planeja o ambiente, que elabora e/ou implementa um curso on-line, deve ter clareza do que é avaliar.

Portanto a avaliação possibilita a comprovação do êxito nos objetivos alcançados pelo aluno. Nesse sentido se concebe a avaliação como ação permanente, contínua e integrada no processo de apropriação/domínio do conhecimento, processo em que no qual se desenvolve um curso. A realização de exercícios de auto-avaliação em cada unidade de referência, os cadernos de aprendizagem e de avaliação a distância e as demais atividades e trabalhos são recomendados para complementar os estudos e representam no seu conjunto aspectos relevantes no processo ensino-aprendizagem.

Na educação à distância os momentos de avaliação representam relação direta entre educador/educando, ocasião preciosa para reorientar o aprendizado, mesmo que seja em momento compulsório de provas da avaliação à distância ou presencial.

A avaliação, hoje, é uma ação fundamental para a garantia do êxito de um curso, visto que, é uma condição sine qua non para decisões a serem tomadas. Ela é

essencial para a definição, correção e aprimoramento de rumos a serem tomados no processo educativo.

Portanto, a avaliação da aprendizagem é um tema de obtenção de informações sobre o aluno e a natureza da qualidade de sua aprendizagem, integrada ao processo formativo, sistemático e contínuo, que nos leva a julgar as alternativas prévias à tomada de decisões, cabe então ao aluno conhecer o estado de sua aprendizagem e pôr em prática as orientações dadas, reafirmando acertos e corrigindo erros.

## 5. Referências Bibliográficas

ABRAMOWICZ, Mere. **Avaliação, tomada de decisões e políticas**: subsídios para um repensar. In: Estudos em Avaliação Educacional, Fundação Carlos Chagas, jul./dez, 1994, nº 10, p. 81-102.

ALONSO, Kátia Morosov. e PRETTI, Oreste. **A Licenciatura em Educação Básica**: indicadores para uma avaliação. In: PRETI, Oreste (org.). Educação a Distância. Inícios e Indícios de um percurso. Cuiabá, EdUFMT/NEAD, 1996, p. 181-188.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. Campinas, SP, Autores Associados, 1999.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Avaliação no cotidiano escolar**. In: ESTEBAN, MARIA TEREZA (org.). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 4ª ed., São Paulo: Editora Ática, 1997.

NEDER, Maria Lúcia Cavalli. **Avaliação na Educação a Distância**: significações para definição de percursos. In: PRETI Oreste (Org). Educação a Distância: Inícios e Indícios de um percurso. Cuiabá, EdUFMT, 1996: 75-94.

RODRIGUES, Pedro. **A avaliação curricular**. In: ESTRELA, Albano e NÓVOA, Antônio (Org.). *Avaliações em Educação: novas perspectivas*. Porto, Porto Editora, 1993, p. 15-76.